

Turismo rural de base comunitária: a experiência de Santo Antônio da Patrulha (RS)

Rural tourism based community: experience of the Santo Antonio da Patrulha (RS, Brazil)

Aline Moraes Cunha

RESUMO

O presente artigo tem como objetivo apresentar a experiência de estruturação de roteiros turísticos, através do projeto "Rede de Turismo Rural de Base Comunitária em Santo Antônio da Patrulha", captado por uma rede de parceiros e financiado pelo Ministério do Turismo, com execução de 2009 a 2011, tendo continuidade administrada pelo Sindicato dos Trabalhadores Rurais, até o presente momento. Desta forma apresentaremos os conceitos norteadores do projeto e o uso de ferramentas de metodologia participativa no planejamento dos roteiros, assim como as atividades realizadas, que resultaram na recuperação de espaços, fortalecimento da solidariedade, cooperação e valorização do histórico cultural das comunidades. Assim, pretendemos compartilhar esta experiência, que guiada pelos princípios do Turismo Solidário e Comunitário, buscou proporcionar além de uma nova alternativa de geração de trabalho e renda, a inclusão social de comunidades rurais historicamente esquecidas e a valorização das relações humanas.

PALAVRAS-CHAVE: Turismo Rural; Turismo Solidário; Turismo Comunitário; Metodologias Participativas.

ABSTRACT

This paper aims to present the experience of structuring tourist routes through the "Network of Community Based Rural Tourism in Santo Antônio da Patrulha" project, picked up by a network of partners and funded by the Ministry of Tourism, from 2009 to 2011, with its continuity administered by the Rural Workers Union, until now. Thus we present the guiding design concepts and the use of participatory methodology tools in planning itineraries, as well as the activities that resulted in spaces recovery, improvement of solidarity, cooperation and appreciation of the communities' cultural history. Thus, we intend to share this experience, which guided by the principles of Solidarity and Community Tourism, sought to provide addition of a new alternative source of employment and income, as well as the social inclusion of historically neglected rural communities and also valuing human relationships.

KEYWORDS: Rural Tourism, Solidarity Tourism, Community Tourism, Participatory Methodologies.

Introdução

O processo de mecanização da agricultura ao mesmo tempo em que proporcionou um aumento de produção, garantindo o alimento necessário às populações que se alojavam nos grandes centros para trabalhar nas indústrias, provocou uma queda na necessidade de mão de obra no campo. Esta migração para os grandes centros em busca de colocação na indústria evidencia o início do “êxodo rural”.

Esta mudança no modo de vida das pessoas, com a passagem da vida rural, para uma vida urbana, nas últimas décadas, acarretou mudanças também nas motivações de seu descanso e de seus descendentes. A busca pela tranquilidade do campo passou a ser fator decisivo na hora de fugir do cotidiano da cidade.

Paralelamente em todo o mundo, o meio rural deixou de ser visto apenas como um espaço para a produção agrícola e passou a ser considerado também como um espaço de lazer, moradia, dentre outras funções. Entre estas novas atividades desenvolvidas no meio rural, surge o turismo. Vê-se nele uma possibilidade de gerar renda, manter as pessoas no campo e o estímulo a uma série de atividades agrícolas e não agrícolas.

As experiências de turismo rural em todo o Brasil apontam diversos benefícios econômicos, sociais e ambientais. Sendo que entre os benefícios mais frequentemente apontados, estão a diminuição do êxodo rural, por meio da geração de novas oportunidades de trabalho e renda complementar, o aumento da venda direta ao consumidor de produtos agrícolas *in natura* e processados e também de artesanato, assim promovendo a diversificação da economia local e regional.

Este incremento de renda gera benefícios e melhoria das condições de vida de famílias e comunidades rurais, através dos investimentos em infraestrutura, bem como promove o aumento da autoestima dos trabalhadores do campo, a partir da valorização de seus saberes e fazeres, além da preservação de patrimônio material e imaterial e conservação dos recursos naturais.

Desta forma, na busca pelo alcance destes benefícios para Santo Antônio da Patrulha, é que se optou pela implantação do segmento de Turismo Rural como estratégia de desenvolvimento local, norteado pelos princípios do Turismo Solidário e Comunitário, conforme veremos neste artigo.

Santo Antônio da Patrulha

O município de Santo Antônio da Patrulha é um dos quatro primeiros municípios do Rio Grande do Sul, e está localizado na Região Metropolitana do Estado. A população atual do município é de 37.910 habitantes, onde 41,1% estão situados na zona rural e 58,9% na zona urbana (IBGE, 2006). O município está subdividido em seis distritos em uma área territorial de 1.049 km², estando sua sede a 57 metros do nível do mar.

Em virtude de o município estar localizado próximo a serra, litoral e a região metropolitana, ressalta-se ainda mais a valorização do turismo como

alternativa de desenvolvimento local, principalmente no segmento rural, tanto por sua tradição na produção de cana de açúcar e derivados, quanto por suas belezas naturais e patrimônio histórico cultural.

A colonização de influência predominantemente açoriana e africana, mas acrescida de influências da etnia alemã propicia o potencial também ao desenvolvimento do turismo cultural e religioso e ênfases na gastronomia e folclore. Segmentos e elementos estes que se buscou identificar e qualificar nas ações do projeto "Rede de Turismo Rural de Base Comunitária". Visto que o conceito, de Turismo de Base Comunitária, fomentado pelo Edital MTUR 001/2008, fonte financiadora das ações de turismo no município, prioriza a valorização cultural e os saberes e fazeres locais através de experiências vivências nas comunidades.

O turismo em Santo Antônio da Patrulha (RS)

Buscando novas alternativas e a valorização do histórico e aspectos produtivos locais, a partir da década de 1980 em Santo Antônio da Patrulha, Prefeitura Municipal e SEBRAE/RS, iniciaram a implantação da "Rota da Cachaça e da Rapadura".

A denominada "Rota", envolveu os maiores e mais tradicionais produtores locais. Mas não envolvia outros municípios, como exige o conceito oficial de "Rota Turística" apontado em BRASIL (2009), ficando restrita ao município de Santo Antônio da Patrulha, atuando então como um "Roteiro Turístico" que ocorre apenas em âmbito municipal.

Desta forma, sem uma articulação regional e sem uma organização autônoma local, visto que a gestão da Rota da Cachaça e da Rapadura era feita pela Prefeitura e SEBRAE, quando do rompimento do convênio entre estes, a mesma acabou enfraquecida, pois os integrantes não sabiam como manter as articulações feitas e nem possuíam recursos para a manutenção das estruturas. Sendo assim esta iniciativa foi desativada, o que gerou grande frustração nos empreendedores participantes.

Neste quadro de desmotivação e desestruturação da atividade turística é que se propôs uma nova tentativa, que levasse a Santo Antônio da Patrulha, uma experiência turística mais plural, participativa e autônoma.

Em março de 2007, do trabalho realizado pelo Projeto Brasil Local, financiado pela Secretaria Nacional de Economia Solidária do Ministério do Trabalho, para o fomento de ações de economia solidária, emergiu a potencialidade de realizar um trabalho associado ao Turismo Rural. Em seguida, constitui-se uma associação na comunidade, então denominada Associação de Turismo Rural Solidário Morro Agudo.

Em 2008, após abertura do Edital 001/2008 pelo Ministério do Turismo – MTUR, para fomento a iniciativas de Turismo de Base Comunitária em áreas urbanas e rurais, o grupo que compunha a Associação acima citada, estruturou a proposta do projeto denominado "Rede de Turismo Rural de Base Comunitária em Santo Antônio da Patrulha/RS".

Projeto contou também com o apoio da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), através do Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Rural – PGDR, Sindicato dos Trabalhadores Rurais (STR) de Santo Antônio da Patrulha, Polo-Universitário de Santo Antônio da Patrulha da Universidade Aberta do Brasil – UAB e Prefeitura Municipal. Sendo aprovado e financiado pelo MTUR, para execução em 2009 e 2010, tendo se estendido até março de 2011.

Neste projeto que teve por objetivo apoiar a iniciativa de turismo solidário e de base comunitária no município de Santo Antônio da Patrulha/RS, foram envolvidos 24 empreendimentos, de nove comunidades, abrindo espaço para pequenas propriedades da agricultura familiar, que nunca haviam trabalhado com o receptivo turístico e que não haviam sido contempladas pelas iniciativas turísticas anteriores. Sendo estas comunidades: Roça Grande, Morro Agudo, Arroio da Madeira, Monjolo, Alto Ribeirão, Palmeira do Sertão, Ribeirão, Portão II e Montenegro.

Desta forma, tendo iniciado em 2009, o projeto teve as seguintes etapas: a) Mobilização da comunidade Morro Agudo; b) Mobilização do EES – Empreendimento de Economia Solidária - Sítio Tia Lúcia; c) Mobilização dos empreendimentos vinculados Rota Cachaça e Rapadura.

Outras etapas do projeto foram: realização de Seminário de Lançamento do projeto; Diagnóstico participativo em 60 propriedades da comunidade; Plano de melhoria para o EES – Empreendimento de Economia Solidária - Tia Lúcia; Plano de melhorias das comunidades Morro Agudo; Diagnóstico participativo do EES Tia Lúcia; Plano de melhorias para os EES da Rota da Cachaça e Rapadura; Diagnósticos dos EES da Rota da Cachaça e Rapadura.

As etapas especificamente voltadas à qualificação para o turismo contemplaram 100 horas de oficinas técnicas de estruturação turística; Duas viagens para troca de saberes; Implementação e monitoramento dos planos de melhorias; Oficinas de qualificação em autogestão de EES; Criação e produção de material promocional (site, folders e catálogos); Seminário de Políticas Públicas, Turismo, Agricultura Familiar e Economia Solidária; Seminário de avaliação participativa e revisão dos planos de melhorias e negócios; Seminário de sistematização e apresentação dos resultados.

Turismo Rural, Solidário e Comunitário.

No Brasil, tem-se como início do Turismo Rural as atividades desenvolvidas em Lages no Estado de Santa Catarina, na década de 80, quando após a crise dos anos 70, produtores rurais decidiram a exemplo do que vinha sendo desenvolvido na Europa, em especial na Alemanha, França, Espanha e Portugal desenvolver atividades receptivas de turistas, como forma de agregação de renda (RODRIGUES, 2001).

Considerando o turismo rural como uma atividade não agrícola inserida na pluriatividade rural, temos como referencial a conceituação de Schneider (2003, p.91), que a define como:

[...]um fenômeno através do qual membros das famílias de agricultores que habitam no meio rural optam pelo exercício de diferentes atividades, ou mais rigorosamente, optam pelo exercício de atividades não-agrícolas, mantendo a moradia no campo e uma ligação, inclusive produtiva, com a agricultura e a vida no espaço rural.

Neste contexto, o turismo passa a figurar entre as atividades não agrícolas inseridas na pluriatividade rural, sendo reconhecida como vetor de diversificação, complementando rendimentos e reforçando a identidade e imagem dos lugares, bem como a autoestima das populações (CAVACO, 2006).

Assim, o turismo encarado como veículo de desenvolvimento das comunidades rurais e remotas, mas de um turismo responsável e solidário, com iniciativas e atividades de pequena e média dimensão geridas pelas próprias comunidades, é como se passou a pensar o Turismo de Base Comunitária.

Para Cavaco (2011, p.152), em resposta aos efeitos negativos trazidos pelo turismo convencional e de massa e em oposição ao modelo neoliberal vigente, surge um turismo de base local, alicerçado nos anseios e objetivos das comunidades. Assim, destaca:

Baseados largamente nos princípios da economia solidária, o turismo comunitário e o turismo solidário emergem como alternativas aos projectos de turismo convencional: questionam o mito do turismo como gerador de emprego e rendimentos e denunciam as políticas centradas da atracção de investimentos que não privilegiam a participação e o desenvolvimento múltiplo das comunidades locais, não valorizam o turismo como instrumento de redução da pobreza e de inclusão social (CAVACO, 2011, p.152)

O turismo comunitário, predominantemente rural, tem apontado iniciativas que se identificam como de Turismo Rural Comunitário. Este modelo de turismo envolve a implementação de infraestruturas turísticas de pequeno porte, integradas ao meio natural e construído, que valorizam o intercâmbio entre culturas, a integração das atividades turísticas com a pesca, e a pequena agricultura, sua culinária e artesanato, criando mecanismos autônomos de gestão territorial que regulam a relação entre turistas e comunidades.

Conforme Cavaco (2011), o Turismo Rural Comunitário surgiu na América Latina, nas últimas duas décadas, em um contexto de grandes mudanças econômicas, políticas e sociais, e dirige-se a um nicho de mercado, constituído por viajantes em busca de experiências pessoais e enriquecedoras.

Assim, consideramos também a contribuição reflexiva, trazida por Lima (2010, p.07):

Pensar o Turismo de Base Comunitária, como turismo só de geração de renda é pouco. O lastro do Turismo Comunitário tem sua base na diversidade cultural e nos valores humanos. A moeda... não é recebida, é trocada! Os valores... não geram riquezas, geram nobreza! É o turismo do presente... e é tão do presente que no futuro as palavras turismo e turista incomodarão tanto quem recebe quanto quem é recebido. É uma visita à verdade que cada um tem pra mostrar e pra contar ao outro. Não é um turismo que busca estrelas... ele mesmo é a própria estrela! (LIMA, 2010, p.07).

Com o avanço das discussões e a contribuição teórica de diversos autores, atualmente podemos apresentar de forma clara a base conceitual, que conduziu o projeto de Turismo de Base Comunitária em Santo Antônio da Patrulha.

Partindo destes preceitos e princípios, buscou-se metodologias que dessem voz aos atores locais, garantindo acesso a todas as comunidades que desejassem aderir ao projeto e a todas as ações planejadas.

Metodologia e ferramentas participativas aplicadas

Conforme Brose (1993), sabendo-se que metodologia é o estudo, a descrição e a justificativa do método, o objetivo da metodologia é entender o processo. O termo “metodologia participativa”, foca na análise dos processos de participação dos atores envolvidos.

Partindo destes pressupostos, compartilhamos aqui a experiência vivenciada pela aplicação de ferramentas de metodologia participativa em um trabalho coletivo de constituição do Turismo Rural de Base Comunitária. Esta nova iniciativa de desenvolvimento turístico local, buscava a consolidação de um produto turístico mais plural, participativo e solidário. Desta forma, a concepção da metodologia a ser aplicada no projeto já preconizava o uso de ferramentas participativas na execução de cada etapa a ser cumprida.

Destaca-se que todos os encontros orientaram-se em formato de oficinas teórico práticas, com o uso de ferramentas de metodologia participativa e material didático de apoio¹, equipamentos áudio visuais, para melhor visualização de conteúdos e propostas, dinâmicas de grupo, trabalhos em grupo e individuais, de acordo com a questão a ser levantada.

Para a etapa de "oficinas de qualificação: temática turismo", que disponibilizava 100 horas de oficinas presenciais com os 24 empreendimentos que aderiram ao projeto. Assim, com o objetivo de consolidar um produto turístico que prime pela participação solidária e sustentável, em todos os seus eixos, foi possibilitado que a ordem de aplicação das oficinas temáticas, foi sendo ajustada de acordo com o andamento das atividades e acordos coletivos com os participantes.

Deste modo, inspirados por Verdejo (2006), tendo como objetivo evidenciar experiências que influenciaram no processo de desenvolvimento comunitário, bem como no uso de recursos naturais, buscamos a aplicação de duas ferramentas participativas, sendo o Mapa da Comunidade, e o Calendário Histórico e nos atrevemos a incluir o resgate de uma antiga prática solidária o Mutirão, como uma ferramenta a mais, para o alcance dos objetivos do projeto e integração do grupo.

Mapa da comunidade

A aplicação da ferramenta Mapa da Comunidade ocorreu na oficina temática, direcionada para o planejamento de roteiros turísticos. Pois a aplicação desta ferramenta tem como objetivo, conforme Verdejo (2006, p.32), *“criar uma concepção compartilhada sobre a situação atual da comunidade em relação a seus potenciais e suas limitações no âmbito produtivo, social e sanitário etc.”*.

Conforme relatado, o grupo se divide entre 09 comunidades distintas, assim esta ferramenta buscava levantar a situação atual de cada uma. Coube então, aos integrantes de cada comunidade desenhar o seu mapa, que deveria contemplar tudo o que cada uma, considerasse relevante. Posteriormente cada grupo apresentou seu mapa ao grande grupo em plenária, onde foram feitas observações e ajustes coletivos, conforme exposto nas Figuras 1 e 2.



Figura 1: Construção do mapa - Alto Ribeirão. **Fonte:** registros da autora (2011).

Figure 1: Construction of the map - Ribeirão Alto. **Source:** Author's records (2011).



Figura 2: Apresentação do mapa – Monjolo. **Fonte:** registros da autora (2011).

Figure 2: Representation of the map - Monjolo. **Source:** Author's records (2011).

Os resultados levantados por esta ferramenta, serviram posteriormente de base para outra oficina, sendo a oficina temática de levantamento de infraestrutura local. Nesta oficina foram feitas reflexões quanto aos mapas criados, os recursos e potencialidades de cada uma e se procedeu ao planejamento de roteiros nas comunidades e a integração entre elas.

Neste dia, foi apontada pelo grupo a possibilidade de realização de oficinas integrativas e de socialização de técnicas em especial de artesanato, de forma a garantir maior qualidade e referencial cultural às peças ofertadas ao turista. Ou seja, a atividade de visualização das comunidades, além de promover a visualização da situação real de cada uma, potencializou a estruturação dos roteiros turísticos piloto e a integração de seus saberes e fazeres, indo muito além do uso do espaço.

Calendário histórico

Avaliou-se que a ferramenta Calendário Histórico, seria a mais indicada para dar os elementos necessários à constituição dos roteiros histórico culturais, demandados pelo projeto naquele momento, visto que para chegar às atividades ofertadas por cada empreendimento e abordagens temáticas de cada comunidade e do município como um todo, se faz necessário o conhecimento quanto aos aspectos históricos culturais relevantes à constituição de cada espaço.

Para a aplicação desta ferramenta se contou com o auxílio de três mestrandas do Programa de Pós Graduação em Desenvolvimento Rural – PGDR, da Universidade Federal do Rio Grande do Sul – UFRGS, entidade apoiadora do projeto. Estas mestrandas alunas da “Disciplina de Metodologias Participativas” se dispuseram à aplicação desta ferramenta, conforme exposto na Figura 3.

Ressaltamos que a atividade foi muito bem recebida e avaliada pelos participantes, que declararam não ter tido nenhuma dificuldade de entendimento quanto a seus objetivos e nenhuma duvida quanto à relevância das variáveis abordadas, além de terem considerado muito gratificante a tarefa de construir o seu próprio resgate histórico.



Figura 3: Calendário Histórico construído pelo grupo. **Fonte:** registros da autora (2011).

Figure 3: Calendar History constructed by the group. **Source:** Records of the author (2011).

Como resultados, esta ferramenta evidenciou que o fato de Santo Antônio da Patrulha ser um dos municípios mais antigos do Rio Grande do Sul, é um motivo de orgulho para todos os integrantes que participaram da atividade, pois ressaltaram ser o município “mãe da região”, o que é um traço de relação entre as comunidades, de total relevância para a constituição de laços identitários. Também os fatores econômicos e ambientais revelados, apontaram elementos diversos para a elaboração de atividades temáticas e eventos.

Informações especificamente quanto às comunidades, seu surgimento, formação, e outros dados, surpreendentemente não foram apontados. Porém também esta ausência se aproveitou em outras atividades de organização dos roteiros, pois se constituiu em ponto de revisão/ampliação do histórico construído.

Assim, como resultado prático, da aplicação destas e outras ferramentas, temos o planejamento e estruturação, através da ação coletiva e solidária dos integrantes do grupo e ainda encontram-se em funcionamento, três roteiros, sendo: 1) Roteiro integrado das Comunidades do Morro Agudo e Roça Grande; 2) Roteiro integrado das Comunidades de Palmeira do Sertão e Alto Ribeirão; e 3) Roteiro do Monjolo.

Mutirão

Entendendo este como a mobilização coletiva de um grupo de pessoas para a realização de uma tarefa, se realizou, uma oficina prévia para a orientação e planejamento da atividade. Nesta ação se constatou a dificuldade de deslocamento entre as comunidades, pela falta de transporte público, impossibilidade do projeto de arcar com os custos de locação e do poder público em oferecer transporte oficial durante a semana, o que impossibilitou a integração nos mutirões, mantendo assim apenas os moradores locais na atividade prática.

Assim o primeiro espaço definido pelo grupo, a receber um mutirão para estruturação, foi a comunidade do Monjolo, tendo como local de intervenção o Clube de Mães, visto ser este o local que faz o receptivo turístico na comunidade, em que se serve o café e que promove a comercialização de artesanato.

Desta forma, conforme acordado na oficina preparatória, o Clube de Mães, disponibilizou material de limpeza, madeira, pregos e cal para pintura. A prefeitura, dois funcionários para cortar a grama da praça, e o grupo se voluntariou, para a limpeza do entorno e organização das áreas externas e internas, conforme apresentado nas Figuras 4 e 5.

Como resultados desta atividade solidária, tivemos além da qualificação deste espaço receptivo, mobilização voluntária, que passou a organizar posteriormente outros mutirões nas demais comunidades, fortalecendo a solidariedade e os laços comunitários do grupo.



Figura 4. Recuperação interna.
Fonte: registros da autora (2011).

Figure 4. Internal Recovery.
Source: Author's records (2011).



Figura 5: Recuperação da parte externa e jardins. **Fonte:** registros da autora (2011).

Figure 5: Restoration of the exterior and gardens. **Source:** Author's records (2011).

Considerações finais

Assim, o processo de implantação do turismo em Santo Antônio da Patrulha que percorreu desde iniciativas de Turismo Rural frustradas pela incapacidade de autogestão dos primeiros empreendedores, passando pelas iniciativas da *Economia Solidária* e busca de consolidação através do Turismo Solidário e de Base Comunitária, evidenciam as iniciativas locais para a implantação da atividade turística como alternativa de desenvolvimento local.

Porém, a nova trajetória demonstrada pela articulação de parceiros públicos e privados, para a consolidação de um novo turismo que o seja o *Turismo Rural Solidário e Comunitário*, reforçam os anseios por novas alternativas de geração de renda e dinamização da economia, a busca pela inclusão social atires até então invisíveis e de comunidades historicamente esquecidas.

Destacamos que através da aplicação da ferramenta Calendário Histórico, foi possível perceber o quanto o histórico da cidade como um todo, remete orgulho a seus moradores, porém de forma inversa, o histórico apresentado o em ações publicitárias municipais, em especial para a promoção de eventos e atratividade turística, não proporciona visibilidade a suas comunidades, o que pode vir a explicar o desconhecimento dos moradores locais quanto ao histórico das comunidades. Ao referenciar apenas o Sonho a Cachaça e a Rapadura, se enaltece somente os produtos locais e não as pessoas que estão por traz desta produção. A partir desta identificação a oficina de inventário cultural, buscou resgatar quem produz a cultura local, dando maior destaque aos saberes e fazeres locais do que aos produtos, e que estes saberes e modos de fazer é que se destacam dentro da prática vivencial proposta pelo Turismo de Base Comunitária, passando a dar maior destaque para os atores locais nos roteiros estruturados por eles.

Quanto ao uso de metodologia participativa, podemos concluir que além de proporcionar maior participação comunitária, estas possibilitaram maior visibilidade, à equipe de execução do projeto, sobre as

potencialidades de cada comunidade, possibilidade de ampliação da oferta turística local e da consolidação de grupos autônomos, formados e gerenciados por estes atores, agora envolvidos no processo.

Efetivamente em Santo Antônio da Patrulha, foi possível testemunhar que a temática do Turismo de Base Comunitária, veio a valorizar e dar visibilidade ao homem. Por meio das 100 horas de oficinas técnicas e tantas outras de reuniões de articulação realizadas, se evidenciou o aumento da autoestima, daqueles que compareceram às oficinas de motivação somente para “conferir”, como alguns relataram, e depois de ouvidos e incluídos no processo de desenvolvimento do projeto e implantação da atividade turística, se reconheceram como atores locais, responsáveis pelo andamento de seus empreendimentos, comunidades e município.

Conforme buscamos apresentar no presente artigo, assim se deu início ao desenvolvimento de um “Turismo Solidário” e de base essencialmente local, em Santo Antônio da Patrulha. Processo este que após o término do Convênio com o MTUR, passou ao desafio de se auto gerir, e que após muitas dificuldades de relacionamento com o poder público local, continua funcionando com o apoio do Sindicato dos Trabalhadores Rurais, que relatam ter ainda em atividade os três roteiros desenvolvidos no projeto, tendo na atualidade 16 empreendimentos em funcionamento e aptos ao receptivo turístico.

Referências bibliográficas

- BRASIL, MTUR. Secretaria de Políticas de Turismo. **Estruturação de produto turístico/Ministério do Turismo**. Brasília: o Ministério: Florianópolis: SEAD/UFSC, 2009;
- BROSE, M. **Introdução à moderação e ao método ZOPP**. GTZ. Recife, 1993.
- CAVACO, C. Regionalização do turismo em áreas rurais a partir da oferta. *In*: ALMEIDA J.A.; SOUZA M. (org.) **Turismo Rural**: patrimônio, cultura e legislação. 1.ed. Santa Maria: FACOS/UFSM, 2006.
- CAVACO, C. Turismo Rural Comunitário (TRC) e Desenvolvimento Local na América Latina – Um olhar Europeu. *In*: SOUZA, M.; ELESBÃO, I. (org.) **Turismo Rural**: Iniciativas e inovações. Porto Alegre: Editora da UFRGS, p. 143 – 213, 2011.
- SCHNEIDER, S. **A pluriatividade na agricultura familiar**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2003.
- VERDEJO, M.E. **Diagnóstico Rural Participativo**: Guia prático DRP. Brasília: MDA/Secretaria da Agricultura Familiar, 2006.
- COLETTE, M.M. Moderação. *In*: BROSE, M. (org). **Metodologia participativa**: uma introdução a 29 instrumentos.2.ed. Porto Alegre: Tomo Editorial. p. 13-20, 2010.
- CORDIOLI, S. Enfoque participativo no trabalho com grupos. *In*: BROSE, M. (org) **Metodologia participativa**: uma introdução a 29 instrumentos.2.ed. Porto Alegre: Tomo Editorial, p. 21-42, 2010.

LIMA, F.A.S. Turismo Comunitário: uma história pra contar. *In*. BRASIL. **Dinâmica e diversidade do turismo de base comunitária**: desafio para a formulação de política pública. Brasília: Ministério do Turismo, p.07-08, 2010.

RODRIGUES, A. B. Turismo Rural no Brasil: Ensaio de uma tipologia. *In*: RODRIGUES, A. B. **Turismo Rural**: Práticas e perspectivas. São Paulo: Contexto, p. 101-116, 2001.

Nota:

¹ Cartilha, cartolinas, tarjetas, fita crepe, papel pardo, folhas de *flip chart*, canetinhas, etc.

Aline Moraes Cunha: Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, RS, Brasil.

E-mail: alinetur@yahoo.com.br

Link para o currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/9162134309835352>

Data de submissão: 30 de junho de 2012

Data de recebimento de correções: 20 de outubro de 2014

Data do aceite: 31 de outubro de 2014

Avaliado anonimamente